

D. Pedro de Alcântara por Pedro Calmon*

"O passado legou-nos um monumento. Os estudos atuais animam-lhe o bronze com o alento divino da ressurreição. Não importa o ente simbólico. Fiquêmos na apreciação simples e útil do homem" p. 5.

"Nelle, os defeitos e as virtudes dos paes se combinaram de estranha maneira. O gênio, arrebatado e alegre, ele herdou da mae: o pae transmitiu-lhe a clara ponderação [...] Cresceu com a dupla solicitação, do temperamento estourado de Carlota Joaquina e do senso burguez do príncipe regente, péssimo educador dos filhos, um dos quais lhe mutilou a monarchia, o outro quase lhe usurpou o trono". p.14.

"D. Pedro amava – com doces transportes de um romântico, e odiava – com a fúria terrível de um selvagem" p. 119-121.

"A liberdade era nas suas mãos um mimo, que ele depunha galantemente nas mãos do povo; dava-a. Não tolerou jamais que lha tomassem por força: foi sempre o homem insubmisso em quem ninguém mandou" p. 132-133.

Suas cartas a Domitila "são gritos da sua carne exigente, a depravação, a pieguice, a candura, se permeiam de fortes e claros risos de homem feliz. O seu amor é cioso, exclusivista, rústico. Não se lhe descobre uma espiritualidade, mesmo convencional, um entendimento de almas, algum idealismo limpo de animalidade: é material, sanguíneo primitivo" p. 162-163.

"Um perdulário de energias que não esbanjava a fortuna" p. 211.

"O homem era maior que o Rei" p. 261

*Pedro Calmon Moniz de Bittencourt (1902 – 1985) professor, historiador, biógrafo, político e orador. Diretor da Faculdade Nacional de Direito e Reitor da Universidade do Brasil. Da Academia Brasileira de Letras.

Autor de O Rei Cavaleiro. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.